



Espaço Entre, 2020 – André Azevedo
Datilografias à máquina sobre cambráia de algodão 42x36.5 cm
Galeria Simões de Assis



Rimar, 2020 – André Azevedo
Datilografias à máquina sobre algodão cru 49.5x39.5 cm
Galeria Simões de Assis

André Azevedo (Curitiba, Brasil, 1977) desenvolve uma pesquisa contínua sobre técnicas construtivas têxteis e linguísticas, manipulando a matéria ordinária do mundo.

Sua pesquisa com tecidos parte de sua experiência pessoal e familiar com essa materialidade. A partir dessa vivência, Azevedo passou a entender o têxtil ao mesmo tempo como linguagem, conceito e materialidade, o que lhe

possibilita inúmeras formas de interação com o mundo. O artista explora a estrutura da trama dentro do universo da contação de histórias e do reavivamento de imagens.

O artista participou de exposições individuais como "Consoante" (2025), Massapê Projetos, São Paulo; "Text (T)" (2024), Fundación Pablo Atchugarry, Miami, EUA; "Anverso (2022)", Simões de Assis, Curitiba.

Também expos seu trabalho em diversas mostras, dentre elas, "Ainda a abstração (2022)", Simões de Assis, São Paulo; "Brasilidade - Pós-modernismo (2021)", Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e "XXII Bienal Internacional de Curitiba (2015)".

Em 2024, Azevedo realizou a residência artística The55Project Art Foundation & El Espacio 23, Miami, Estados Unidos e em 2022, a residência artística Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, Estados Unidos.

Seus trabalhos estão em importantes coleções, como:

MAD - Museum of Arts and Design, Nova York, EUA;

The Josef and Anni Albers Foundation, Bethany, EUA;

MAR – Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro;

MON – Museu Oscar Niemeyer, Curitiba;

MAC-PE Museu de Arte Contemporânea, Olinda, Brasil.



Rosto vermelho, 2009 – Antonio Malta Campos
Óleo sobre tela 150x100 cm
Galeria Simões de Assis

Antonio Malta Campos (São Paulo, 1961) é pintor, gravador e desenhista. Iniciou sua trajetória artística ainda na escola, desenhando suas próprias histórias em quadrinhos.

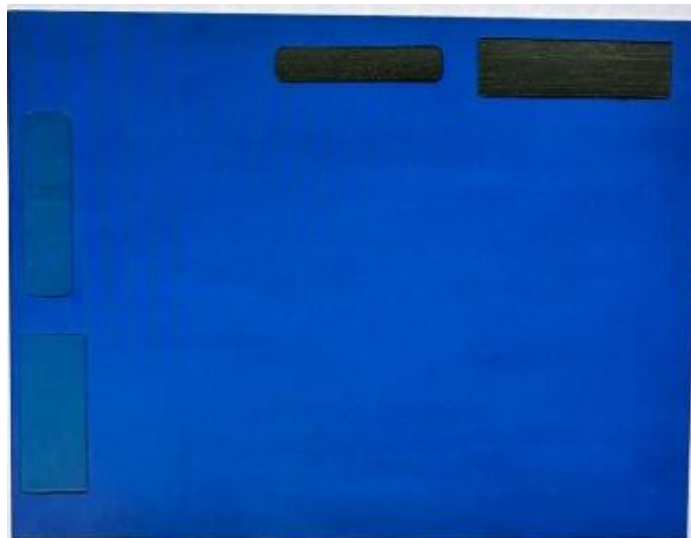
Em meados dos anos 1980, passou a explorar a pintura, linguagem que vem trabalhando sistematicamente desde então. Com formação em arquitetura pela FAU-USP, é uma figura marcante da célebre Geração 80.

Malta Campos explora possibilidades livres da forma e da cor, principalmente no suporte da pintura – seja na aquarela, seja empregando a tinta a óleo. O desenho, contudo, atravessa toda a sua produção, estabelecendo diálogo com a colagem e a gravura em suas pesquisas. O artista explora os limites do conforto visual, especialmente quando se trata das distinções entre o abstrato e o figurativo. Os tamanhos com que trabalha são igualmente variados, uma vez que sua pesquisa inclui pequenos estudos que, posteriormente, podem ser transpostos para dimensões maiores, em escalas até monumentais. Esse corpo de esboços, chamado de “Misturinhas”, atravessa toda sua carreira. Uma seleção dessa produção contínua de pequenos formatos foi exibida na 32ª Bienal de São Paulo, em 2016, ao lado de grandes pinturas a óleo. São traços desinibidos de lápis ou nanquim, com

recortes, colagens, adesivos, acrílica e óleo, com uma variedade infinita de composições que revelam universos a serem explorados.

Já suas formas e paisagens são uma exibição cromática com anamorfismos e distorções que parecem ser autônomos, independentes de si dentro do plano. Concilia em seu repertório visual a tradição da pintura a óleo com toques de gráficos, utilizando elementos ora figurativos, ora abstratos, além de imagens extraídas da história da arte, da cultura de massa e de seu entorno cotidiano no ateliê. É um artista que consegue criar texturas diversas por meio de diferentes técnicas, enquanto suas formas partem de um vasto leque de repertório filosófico, literário e plástico. Além disso, sua produção tem sempre um olhar direcionado para referências da arte moderna, principalmente nomes como Pablo Picasso, Georges Braque, Paul Klee, Joan Miró, Le Corbusier, Maria Martins, Henry Moore e Burle Marx. Realizou exposições individuais na Simões de Assis, na F2 Galeria, em Madri, e no Centro Cultural São Paulo em diálogo com Erika Verzutti.

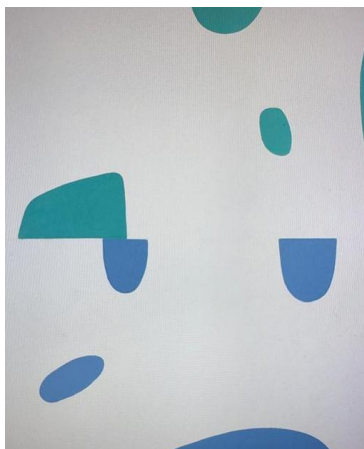
Entre diversas importantes mostras coletivas, participou da 32ª Bienal de São Paulo, em 2016; da 33ª Bienal de São Paulo, em 2018; e da exposição Pangaea, na Saatchi Gallery, em Londres, 2014. Suas obras integram relevantes coleções públicas como Museu de Arte do Rio - MAR, MAM Rio de Janeiro, Pinacoteca do Estado de São Paulo; Olor Visual, Barcelona e Saatchi Collection, Londres.



Sem título, 2018 – Rodrigo Andrade
Óleo sobre tela 60x80cm
Galeria Simões de Assis

O pintor, gravador e desenhista **Rodrigo Andrade** (São Paulo, SP, 1962) frequenta o estúdio de gravura de Sergio Fingerhann, em 1977. Estuda desenho com Carlos Fajardo. Entre 1982 e 1985, estabelece o ateliê coletivo Casa 7, junto a Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, Paulo Monteiro e Nuno Ramos. Neste momento, produz pinturas fortemente influenciadas pelo neoexpressionismo alemão e também faz referência à obra do pintor norte-americano Philip Guston. Nessa época, Andrade pinta telas de grandes formatos, com pinceladas amplas e matéricas e cores contrastantes. Em 1985, sua pintura revela uma gestualidade que desfaz as composições mais evidentes, realizadas anteriormente. Neste mesmo ano, participa da 18ª Bienal Internacional de São Paulo e do 8º Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro, no qual recebe o prêmio aquisição. A partir 1987, atua como artista gráfico de revistas e livros e produz, entre 1991 e 1998, capas para a revista Veja. Em 1994, após experimentos com abstração e colagens de diversos materiais, iniciou uma série de pinturas figurativas. A partir de 1999, desenvolve a técnica pela qual é amplamente reconhecido hoje em dia, em que formas como círculos e retângulos tornam-se massas espessas de tinta aplicadas sobre o branco da tela. A disposição das formas, demasiadamente próximas umas das outras ou das margens da tela, as intensas relações cromáticas entre as cores das figuras e o plano de fundo, além das tintas que escorrem para além da área delimitada das figuras, revelam um questionamento em relação à tradição da abstração geométrica. Suas obras fazem alusões a signos e sinais gráficos, presentes no

ambiente urbano, porém esvaziados de conteúdo e mensagens. Essa técnica irrompe a tela para se instalar sobre paredes de galerias, prédios e bares nos anos seguintes. Desde 2009, Andrade reincorpora pontualmente a figuração na construção de uma pintura em que a linguagem realista dialoga com marcantes blocos de tinta. Telas de temática noturna e grande escala, sobre as quais o artista manipula habilmente a transformação da memória fotográfica de uma imagem em lirismo matérico. Em 2010, participa da 29ª Bienal Internacional de São Paulo. Em sua produção mais recente, o artista investe sobre a tela a partir de três a quatro cores, fazendo referência ora a criaturas polimórficas que se assemelham a seres do reino vegetal, animal ou até mesmo do reino dos símbolos, ora as famosas colunas do renomado arquiteto Oscar Niemeyer.



Maninho, 2018 – Rodrigo Bivar
Óleo sobre tela 180x150 cm
Galeria Simões de Assis

Rodrigo Bivar (Brasília, 1981) vive e trabalha em São Paulo. Graduado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, foi ganhador do Prêmio Aquisição do Centro Cultural São Paulo em 2008, realizando sua primeira exposição individual na instituição. Em 2020/2021, foi vencedor da bolsa Pollock-Krasner Foundation Grant. Iniciou sua trajetória no começo dos anos 2000, tendo integrado o grupo de artistas 2000e8 com trabalhos bastante figurativos, repletos de ângulos incomuns das figuras retratadas, incidências raras de luz e falta de hierarquia entre os elementos. Posteriormente, o artista distanciou-se da figuração, passando a estruturar sua pintura por meio de formas e fortes massas de cor que orbitam pelo espaço pictórico, propondo associações variadas e formas tortuosas no espaço da composição. Há uma forte atração entre os volumes moles, com contornos difusos, que estão na iminência de sua própria mutação. Essa fase foi, então, seguida por um retorno à figuração, elaborada de maneira ainda mais singular. Hoje, Bivar transita por diversas temáticas visuais e direciona o olhar para ações cotidianas, em que são reconhecíveis cenas comuns e mundanas, mas que, no entanto, revelam uma complexidade dessa banalidade. Um piquenique na praia, um pássaro em um galho, um homem que se refresca em uma ducha ou um retrato de uma criança são cenas recorrentes presenciadas diariamente por todos, mas que são insufladas de profundidade ao carregarem as texturas propostas pelo artista. Como afirma o curador Tiago Mesquita, Bivar “trata o patético descompasso entre o que se espera e o que acontece com humor. A pintura para ele parece acontecer quando as pontas soltas se embarçam e mostram que a exceção se tornou a regra”. Entre suas principais individuais constam as mostras "Breve", na Casa de Cultura do Parque, São Paulo; "Rodrigo Bivar", no Instituto

Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto; "Turista Azul", no Paço das Artes, São Paulo; e no Centro Cultural São Paulo. Entre as coletivas, destacam-se: "Uma mão lava a outra", Olhão, São Paulo; "Espelho Labirinto", CCBB, Brasília; "Os desígnios da arte contemporânea no Brasil" e "MAC USP no século XXI: A era dos artistas", MAC-USP, São Paulo; "Os Muitos e o Um", Instituto Tomie Ohtake, São Paulo; e "Itinerários, Itinerâncias – Panorama da Arte Brasileira", Museu de Arte Moderna de São Paulo. Rodrigo Bivar possui trabalhos em coleções importantes como: MAR - Museu de Arte do Rio; Centro Cultural de São Paulo; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC-USP; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto.



Conversa com Tomie, 2025 – Suzane Wolf
60x60 cm
Suzane Wolf

Susane Wolf (Joinville, Brasil, 1979) é doutoranda em Design, com ênfase em Experiência do Usuário (UX), pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Graduiu-se em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e é mestre em Design pela mesma instituição onde atualmente desenvolve sua pesquisa de doutorado.

Artista visual e pesquisadora, vive e trabalha em Joinville, onde mantém uma prática contínua voltada à pintura acrílica sobre tela. Seu processo é marcado pela construção de camadas pictóricas que dialogam simbolicamente com as sobreposições da matéria e da memória. Em suas obras, a adição de tinta se transforma em um gesto narrativo, capaz de revelar nuances entre o visível e o intangível.

A obra “Conversa com Tomie” (60 x 60 cm) propõe uma releitura sensível da linguagem de Tomie Ohtake, figura seminal da arte abstrata no Brasil. Através dessa homenagem, Wolf não apenas reverencia a potência formal da artista, mas também ressalta sua importância como referência feminina no campo das artes visuais — reconhecendo tanto a expressividade de sua produção quanto a força de seu legado.



Sem título, década de 90 – Moacir Moreira (Môa)
Grafite sobre papel
Acervo pessoal

Moacir Moreira (Moa), artista joinvilense nascido em 1951, é um criador que captura a alma humana com uma sensibilidade ímpar. Sua série “Íntimos Ensaios” é um exemplo perfeito de sua habilidade de explorar o universo emocional através do desenho. Usando grafite e caneta sobre papel, Moa cria obras que são ao mesmo tempo simples e profundamente complexas. Cada traço, cada linha, transmite uma narrativa íntima que convida o espectador a uma introspecção genuína. Seu trabalho, repleto de beleza sutil, é uma expressão de sua jornada pessoal e um convite à reflexão sobre a vida e as emoções humanas.